



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16304 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

ESCRITOS CORPORIFICADOS, AMPLIADOS E RESSOADOS EM GESTOS, SENTIMENTOS E REFLEXÕES EM SALA DE AULA DA EREM DE TAMANDARÉ-PE
 João Paulo de Azevedo Silva - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

ESCRITOS CORPORIFICADOS, AMPLIADOS E RESSOADOS EM GESTOS, SENTIMENTOS E REFLEXÕES EM SALA DE AULA DA EREM DE TAMANDARÉ-PE

1 INTRODUÇÃO

O texto em questão é fruto de vivências em sala de aula juntamente com alunos/as, assim, o uso constante do fone de ouvido nas salas de aula chamou-me atenção. Dessa experiência emergem reflexões, inquietações e desafios pedagógicos que se materializam na seguinte questão-problema: quais as impressões que os/as alunos/as do segundo ano do Ensino Médio em uma Escola de Referência em Ensino Médio na cidade de Tamandaré-PE oferecem às músicas que escutam nos/dos/com cotidianos escolar e de que maneira elas podem contribuir para experiências empoderadoras? Partimos das seguintes hipóteses: a. a música fornece meios sensoriais-pedagógicos que ajudam os/as estudantes expressarem suas identidades; b. o corpo é o local onde revela as aprendizagens; c. musicalidade contribui na construção de identidades nos corpos.

Por isso, objetivamos compreender os alcances das músicas na formação

dos estudantes do segundo ano "A". Os objetivos específicos foram: a. compreender o que é educação; b. identificar o corpo como marcador pedagógico ancestral; c. identificar os gêneros musicais e a dimensão compreensiva que os/as estudantes lhes conferem; d. analisar as experiências dos/as estudantes com os gêneros musicais.

Metodologicamente utilizamos a pesquisa qualitativa (Minayo 2007), tendo como método o Estudo de Caso Alargado (Lage 2013; Santos 1983), como coleta nos servimos da observação participante e como chave interpretativa a Análise de Conteúdo (Bardin 2011). Essa pesquisa é uma construção grupal em que os/as alunos/as não são apenas participantes, mas praticantes/pensantes e foi realizado em sala de aula, levando em conta os conteúdos propostos na BNCC sobre Cultura e Identidade.

O texto é composto de uma introdução; a segunda parte que trata sobre a concepção de educação que optamos no desenvolvimento da pesquisa; a terceira busca esclarecer a noção de corporeidade como material denso que porta uma ancestralidade e que pedagogiza-'se'; a quarta revela as experiências nos/dos/com cotidianos que os estudantes têm com a música e a dimensão socioafetiva que conferem a eles; em seguida, fazemos nossas considerações finais, quais foram os aprendizados e as conclusões que tivemos no decorrer desse percurso; por fim, as referências que compõem a construção desse estudo.

2 EDUCAÇÃO: APORTES CORPORAIS, DIVERSOS, PLURAIS E SIGNIFICATIVOS

A discussão, para ser iniciada, necessita que haja indagações sobre o que entendemos da Educação. O que é a educação, de que ela é constituída, a partir de quem ou de que inicia-se esse processo? O ensinar-aprender ocorre unicamente via córtex cerebral? Via uso da razão, como sugeriu Descartes?

As reflexões produzidas pelo Ocidente preconizam que a Educação passa por um processo em que uma pessoa que detém todo o saber, instrui as demais de forma passiva, sendo a imobilidade corporal marca da efetivação do aprendizado. Também advoga-se que o silêncio diante dos processos de ensino-aprendizagens são sinônimos irrestritos de produtividade científicas.

No ocidente, acredita-se que *do corpo* nada se produz, que ele é matéria

morta ou receptáculo propício de pecados (numa perspectiva judaico-cristã). Crê-se que seja necessário sujeitar o corpo à razão, sujeitá-lo à lógica racional e excluir/inibir todo aspecto sensível-subjetivo que ele produz. O corpo, dentro dessa percepção, é servo do cérebro, não podendo ser expressão da Ciência ou atividades humanas consideradas elevadas, tais como a Ciência e os outros saberes construídos-herdados historicamente.

Essas prerrogativas servem para convencer às populações que fogem ao padrão ocidentalizado de que elas necessitam passar por um processo de branqueamento. Isto é, 'branquear' seus modos, suas práticas de vida, suas expressões axiais, suas manifestações corporais, suas fórmulas de resolução de problemas que a vida em sua magnitude e amplitude oferecem.

Educar é um ato constituinte da humanidade em relação consigo, com o seu semelhante e com tudo que o "arrudeia". Ela ocorre em diversos tipos de interações, tais como na/com a fábrica, nos/com os campos, na/com a roça, na/com a mata, nas relações entre seres humanos e animais, seres humanos e plantas, etc., e envolve todo o ser humano. Silva (2011) revela esse processo de aprendizagem/ensinagem constantes entre os artesãos e artesãs com as artes figurativas na comunidade artesã do Alto do Moura em Caruaru-PE.

Freire (1987; 1996) indica a presença do fazer educacional entre as pessoas que habitam as favelas-comunidades por meio das trocas afetivas-saberes que contribuem para (auto)perceber-se de suas potencialidades de leituras de mundo; Dayane nas rodas de Capoeira do Grupo de Capoeira Raça Nobre, (GCRN), Adelson Teixeira mostra entre os povos quilombolas da comunidade de Estivas com a CÁRITAS, fazendo pontes dialógicas com a Filosofia Ubuntu.

Entre tantos/as outros/as pesquisadores/as que se dedicam nessa perspectiva, essas leituras revelam que espaços em movimentos (Pessoa, 2013) são lócus enunciativos que expressam pedagogias plurais que utilizam outros mecanismos e ferramentas que não são unicamente advindos do córtex cerebral, revelando, portanto, que a educação é *necessariamente* um ato dialógico, horizontal, de idas e vindas, de (re)fazeres.

Um movimento circular, como ensina as Filosofias Africanas: *começo, meio e começo*. As compreensões africanas têm em comum a *troca* como propulsor de suas relações, nesse sentido o diálogo é o interlocutor que promove as trocas. E as

linguagens não são unicamente via oral, ou escrita, mas esparramam-se no chão do cotidiano, encontrando-se também: no *corpo*. Essas práticas educativas não separam corpo x cérebro, mas encarnam seus saberes na cotidianidade, através do sentir, do relacionar-se em sentido horizontal.

Assim, cremos em uma a educação numa perspectiva: plural, fluida, contínua, confluyente com outros/as maneiras/modos de ser no/com o mundo, produzindo novas rotas existenciais-culturais, uma possibilidade, de nos conduzir a pensar, sentir, refletir e imaginar para propor novos paradigmas e novas proposituras no/para o mundo.

3 CORPOREIDADE, SENTIDOS E CONSTRUÇÕES DE SABERES: LUGAR DE EXPERIÊNCIA

Havia na minha juventude, uma propaganda produzida pelo canal Futura que afirmava para o telespectador: “são as perguntas que movem o mundo, não as respostas”, sugerindo ser uma frase de Albert Einstein. Nessa seção, continuaremos a questionar: O que é o corpo? O que ele anuncia por si só? Há interferências culturais, político-ideológicas sobre o corpo?

Essas e tantas outras, são perguntas que merecem atenção, primeiro porque acreditamos ser o corpo o local que movimenta o ser humano para as atividades que o mesmo decidir fazer; segundo, porque cremos ser o corpo biblioteca ancestral, sendo portador de tradições em que é traduzido por meio de um conjunto de movimentações próprias de cada cultura e cada contexto que está imerso; e terceiro porque para o desenvolvimento dessa *pesquisa-atividade* o corpo foi crucial para a produção textual, para os múltiplos e diversos diálogos propostos em sala de aula e para as sensações que o mesmo produziu tanto nas escutas musicais propostas em sala como para a leitura do que foi escrito pelos/as estudantes.

O corpo é o tempo/espço de passagem da experiência, é onde os acontecimentos adquirem significados, sentidos mais aguçados, complexos. Sendo possível acessar na medida que o cotidiano se desenvolve, se expande e se concretiza. Assim, o corpo, a matéria, o cotidiano e a vida são dialógicos/as e interdependentes. Silva (2011), informa que “o corpo nos permite a comunicação” (p. 202).

Ele comunica filosofias, sentimentos, cosmovisões, etc., apresenta também

pontos de partida, conhecimentos da história-ancestralidade-tradição. Nessa perspectiva, o corpo passa a ser território de experiência (Larrosa, 2017). Neste local de passagem, de transformação, encontra-se todo o conjunto histórico-social-existencial de cada pessoa.

O contexto sócio-histórico-cultural-político como fonte de informações que servem para as (re)construções dos fazeres cotidianos para sobressair-se das realidades, ofertando também meios pelos quais construirão novas ações-reflexões que poderão oferecer novas possibilidades.

Oliveira (2005) afirma que é “preciso filosofar desde o corpo e reconhecer que o corpo é filosofia encarnada e cultura em movimento” (Oliveira, 2005, p. 15). Isso porque a Filosofia emerge do cotidiano e das múltiplas manifestações corporais. Como em uma dança, em uma conversa no meio de uma feira livre, no meio do ‘*paitxo*’ enquanto permite o corpo balançar para lá e para cá nas tentativas de ser criança ou corpo capoeirista.

Assim, toda experiência no/dos/com os cotidianos há uma emergente necessidade do reconhecimento corporal como parte do todo. Não separada, distinta, mas em interação, integrada com o universo: consigo mesmo, com a ancestralidade-espiritualidade, com a natureza, com os/as colegas que partilham espaços de ensino-aprendizagem.

Isso porque as atividades desenvolvidas em sala de aula foram conduzidas por meio de diálogos entre: musicalidade, produção textual, indicação de músicas para ouvir em sala de aula, produção de significados e avaliação das produções propostas.

4 EXPERIÊNCIAS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS ESTUDANTIS - RELATOS ESTUDANTIS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA SONORA/MUSICAL

O cotidiano é um lugar que as pessoas (re)inventam suas existências e com a vida em sua completude. Assim, para os desfavorecidos sociais, pode ser possibilidades e potencialidades de (re)invenções do *saber/fazer* e do *construir* escolar. Tal como sugere Certeau, quando afirma que a “ordem reinante serve de suporte para produções inúmeras, ao passo que torna os seus proprietários cegos para essa criatividade” (Certeau, 1998, p. 49-50)

O ineditismo do cotidiano pode surgir com significados e significações

distintas daquelas esperadas por ambientes *estratégicos*, devido às ações táticas dos/as *praticantes/pensantes* envolvidos. Com isso, afirmamos que um ambiente mesmo que seja estritamente marcado por leis, currículos prescritos, normas comportamentais e com saberes técnicos-instrumentais, há possibilidades de práticas de (re)existências-(re)sistências e de (re)significações que objetivam recriar espaços herméticos, não obstante a contradição e o contraditório, podendo ser pensados em sentido de bricolagem com outras lógicas e outras dinâmicas. (Certeau, 1998)

Ferraço, Soares e Alves (2018) informam que: “essas práticas, ao modo das táticas, desorganizam esses lugares estratégicos de controle” (p. 92). São por meio delas que os cotidianos vão adquirindo sentidos outros que ajudam ou contribuem para uma perspectiva mais abrangente das situações vivenciadas. E até mesmo para a construção de “*outros cotidianos*” que possibilitam as alegrias e as (re)existências dos *oprimidos*. Nesse ínterim, percebemos que:

Em suas operações de usuários do que é posto ou imposto, nas artes de *fazersaber*, esses sujeitos se constituem e criam conhecimentos, relações e modos de existência contra-hegemônicos que desorganizam as tentativas de controle, governabilidade e formatização da vida conforme os interesses hegemônicos (Ferraço, Soares e Alves, 2018, p. 100)

Isso porque não há modos Unos como defendem e apreciam as teorias e a ciência Moderna; pois, dentro e nos limites desses Unos existem múltiplas possibilidades de ser e existir. E, dessa maneira, de *fazer/pensar*, *fazer/saber* transforma e se experimenta as forças contidas no dia a dia. Como apresentam os estudantes do segundo ano A, quando dentro da sala de aula colocam músicas de suas mais variadas preferências para tocarem e reinventarem o espaço silencioso e imóvel da sala de aula.

Durante a semana, estou professor em uma escola no interior do estado de Pernambuco, localizada no litoral sul, uma cidade pequena de aproximadamente 25 mil habitantes. A cidade apresenta suas peculiaridades e riquezas naturais, tais como praia, mangues, rios, cachoeiras, são paisagens corriqueiras. Ela é rica em sua composição molecular de corpos: diversos, plurais, densos, presentes, vivos, inteiros, etc. Sendo esse local um conjunto de atributos tangíveis-intangíveis composto, decomposto e recomposto pelo/no/com o cotidiano. A experiência no/pelo cotidiano escolar é capturado em movimentos de “reversibilidade, dilatação e contenção” (Martins, 2021, p.20).

Foi realizado, durante as aulas, em conjunto com os/as alunos/as uma atividade pedagógica com a temática da *Cultura*, para tanto, solicitei um relato entre *dez e quinze* linhas falando suas preferências de gêneros musicais e as motivações que os/as levam a curtirem tais repertórios.

Entre as correções, observei proximidades e distâncias nos relatos. Dentre eles: *sonhos, medos, constrangimentos, empoderamentos, consciência política e movimentos corporais movidos pelas batidas, instrumentos musicais*, etc. Um dos estudantes, fala: “Gosto muito de música, elas me motivam, me tira às vezes da explicação que não estou entendendo” (Samuel, do 2A, turno manhã).

Outra colega de classe, afirma: “eu gosto muito de música porque me deixa muito alegre, animada, calma e me ajuda a absorver o conteúdo” (Julia, do 2A, turno manhã). Esses relatos, revelam a maneira como eles (re)constroem o espaço da sala de aula por meio da utilização da musicalidade que escutam mediante os fones de ouvidos.

Revela também a vontade de superação do imperativo repetitivo dos/nos/com os cotidianos escolar enfrentados por esses/as alunos/as, como nos mostra Kauane “eu gosto das músicas de Felipe Ret porque ela é um tipo de música que fala sobre a realidade, fala sobre a vida sobre o futuro”(Kauane, 2A, turno manhã, grifo nosso). Iran, um jovem do 2A, fala sobre o *hip hop*:

O hip hop um dos estilos de músicas no qual eu mais me familiarizo, um dos estilos que mais gera discussões entre muitos seja pela suas músicas, linguagem, estilo de roupa ou de vida de seus ouvintes. Seus ouvintes são pessoas que na minha visão são pessoas bem **diferentes** [...] O hip hop ele é um estilo “contracultura” ou seja ele não segue padrões sociais [...] pois as letras das músicas são letras que cantam a vivência dos cantores das periferias que não têm medo de falar o que vive. Os cantores sempre são negros, periféricos e excluídos da sociedade, então quando eles pegam papel e caneta pra escrever suas músicas nelas tem ódio e dor pelas coisas que o mundo da ponte-pra-lá fez e faz. (Iran, 2A, turno manhã, grifo nosso).

A música, como nos apresenta Iran, pode ser expressa como um “modo de vida” próprio, que podem subverter “padrões sociais”, tendo suas “músicas, linguagens, estilos de roupa” facilmente identificável nas expressões corporais. Portanto, para Iran, o *hip hop* é encarnado nele (aprendizagem-corpo), saindo das estratégias da escola de impor-lhe normas e padrões ocidentalizados levando-o às subjetividades de resistência.

Nesse mesmo sentido, encontramos um relato da aluna Joana, ela nos apresenta o *Rock* e nos mostra os motivos pela sua escolha:

Eu gosto de músicas um pouco mais pesados, por exemplo o rock, pois além de crescer ouvindo por parte de pais, também percebi que as batidas junto com as letras refletem *um sentimento* ou seja *a forma como me sinto*, a gritaria, as batidas refletem os sentimentos presos, às vezes indignações presas que ao ouvir você dá vontade de gritar de soltar. (Joana, 2A, turno manhã, grifo nosso)

Revelando, dessa maneira, como o gênero musical de sua escolha aponta para meios de colocar para fora o que lhe inquieta internamente, isto é as “indignações presas” por meio de “gitarrias” e as “batidas” fazem com que ela se sobressaia de sentimentos negativos e lhe dê força de superação. Propondo-lhe superação e (re)criação de cotidianos que mesmo impondo-lhe silêncio, ela “grita” em coral com a música liberdade e superação existencial.

Esses relatos estudantis mostram os meios que esses/as estudantes encontram para reverter processos formativos marcados pelo cartesianismo e que têm demarcado o cotidiano escolar em busca de força de superação e de re-existência.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo anuncia a necessidade emergente de olhares curriculares que ultrapassem a exclusividade conteudista e a prioridade tecnicista e utilitária do ensino advogadas pela BNCC. Prenuncia que os cotidianos escolares podem ser enriquecedores à medida que os docentes escutam os discentes, suas disposições, opções e formas de aprender por meio de ferramentas digitais que se mostram encantadoras e mobilizadoras das últimas gerações.

Observamos que, por meio dos gêneros musicais, as motivações e as (re)criações conferem-lhes curiosidade, pensamentos, significados, comportamentos, estilos de vestimentas, isto é, todo o corpo, os sentidos, são alcançados pela musicalidade e que estas experiências com as músicas lhes ensinam e produzem identidades.

Para além disso, a musicalidade também aproxima afetivamente todos que participaram da construção das aulas, tendo a musicalidade como fio condutor das inter-relações. Isso porque, como falamos nas seções anteriores: educar é um ato

dialógico, que envolve, que necessita (re)fazer constantemente, comparar os acertos, avaliar em conjunto e propor novas atitudes perante o ineditismo nos/com/dos cotidianos da sala de aula.

Outrossim, destaca-se o perfil pedagógico docente de ser o escutador, o mediador e o estimulador de curiosidades, de questionamentos e pertinência das músicas com a vida real e imediata dos discentes. Por fim, que não é uma conclusão, mas um convite a refazer, recriar o didático cotidiano a partir de novos olhares, afetos, epistemes que vão surgindo na medida em que se vivencia os cotidianos como lugar de sentidos, como rio caudaloso em que a vida e o conhecimento cruzam-se e redefinem-se de modo indeterminado, pouco previsto.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3ª Edição, Petrópolis, 1998, Editora Vozes.

DESLAND, Suley Ferreira. Pesquisa social: **teoria, método e criatividade** / Suley Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 26. ed. — Petrópolis, RJ : Vozes, 2007. MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

FERRAÇO, C.E., SOARES, M.C.S., AND ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação [online]**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, 109 p. ISBN 978-85-7511-517-6. <https://doi.org/10.7476/9788575115176>.

FREIRE, Paulo. **pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

Larrosa, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**/Jorge Larrosa. 6. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LAGE, Allene. **Educação e movimentos sociais: caminhos para uma pedagogia de luta** / Allene Lage. - Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. 2005. Tese (Doutorado) - Curso em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

SILVA, Everaldo Fernandes da. **Processos aprendentes e ensinantes dos/as artesãos/ãs do Alto do Moura: tessitura de vida e formação**. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação, UFPE, 2011.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Festa popular e Educação Popular: Lugares em movimento**. In: STRECK, Danilo R. & ESTEBAN, Maria Teresa. Educação Popular: Lugar de construção social coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Os conflitos urbanos no Recife: o caso do skylab**. Revista Crítica de Ciências Sociais n.º 11, Maio de 1983.